

## **TRAVESSIAS NO CINEMA INDEPENDENTE**

### **CROSSINGS ON INDEPENDENT CINEMA**

**Saete Paulina Machado Sirino**

Doutora Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Docente e Diretora do Centro de Artes da Universidade Estadual do Paraná.  
E-mail: saletems@uol.com.br

#### **RESUMO**

O filme *Travessias* (2015), roteiro e direção meus, foi rodado no Paraná, ao longo da rodovia BR 277, em Curitiba, Cascavel, Foz do Iguacu, e em Ciudad del Este, fronteira do Brasil com o Paraguai. Nesse filme, as fronteiras culturais e geográficas representam um espaço de divisas e de passagem e implicam em travessias pessoais: de pai e filha – o libanês Naun (Jackson Antunes) e sua filha Maria (Taylla Sirino); de marido e mulher – o sacoleiro José (Rodrigo Ferrarini) e de sua mulher, a professora Maria Helena (Cristiana Britto); e de mãe e filho – a corretora de imóveis, Isolda (Isadora Ribeiro), e de seu filho, o diretor de teatro Léo (Alan Raffo). Neste texto, num primeiro momento, abordo sobre a concepção do roteiro, situo a produção desse longa no contexto do cinema *multiplot* e visando à reflexão *finalizando significados*, trago para dentro do texto vozes de profissionais que atuaram no desenho de som, composição da trilha musical e na colorização. Num segundo momento, partindo do pressuposto de que o ciclo do cinema só se completa no encontro deste com o público, sintetizo sobre o lançamento de *Travessias* em cinemas e aponto algumas vozes que refletem sobre a experiência da recepção do filme.

**Palavras-chave:** Travessias. Cinema Independente. Cinema & Espectador.

#### **ABSTRACT**

The movie *Travessias* (*Crossings*) (2015), screenplay and directed by me, was shot in the State of Paraná, along the highway BR 277, in Curitiba, Cascavel and Foz do Iguassu, and in Ciudad del Este, in the borderlines between Brazil and Paraguay. On this movie, cultural and geographical borderlines represent a space of division and passages also implying in personal crossings: from father to daughter – the lebanese Naun (Jackson Antunes) and his daughter Maria (Taylla Sirino); husband and wife – the peddler José (Rodrigo Ferrarini) and his wife, the teacher Maria Helena (Cristiana Britto); and mother and son – the realtor, Isolda (Isadora Ribeiro), and her son, the drama director Léo (Alan Raffo). Over this text, I firstly

approach the screenplay conception and place this feature film's production on the context of *multiplot* cinema and, aiming the reflection *finalization and meanings*, I bring to the text voices of professionals that acted on sound design, soundtrack and coloring. At a second moment, understanding that cinema's cycle is only complete when it encounters the audience, I synthetize about *Travessias's* release in movie theaters and point out some voices that reflect about the movie's reception experience.

**Key-words:** Travessias. Independent Cinema. Cinema & Espectator

## 1 COMO NASCEM OS ANJOS?

Considerando os pressupostos teóricos sobre dialogismo de Mikhail Bakhtin – essenciais para o entendimento do conceito de alteridade –, e considerando os estudos sobre a figura do leitor de Hans Robert Jauss e de Umberto Eco, a leitura de determinado aspecto seja da vida real ou ficcional está diretamente relacionada ao ser social que somos, já que as nossas inferências culturais são construídas por meio de nossa relação entre o “eu” e o “outro”.

Neste caminho, o interesse pelo tema “travessias humanas” tornou-se presente em minha vida, especialmente, por meio da professora Dra. Rita Felix Fortes – estudiosa de Guimarães Rosa –, tanto em suas aulas quanto nos encontros que tivemos relativos à orientação para a escrita da dissertação<sup>1</sup> de mestrado em Letras, que tinha como objeto de estudo duas obras rosianas – *Conversa de Bois* e *Campo Geral/Miguilim* – e a adaptação de *Campo Geral* para o filme *Mutum*, pela cineasta Sandra Kogut.

Tendo construído relações familiares e profissionais em Cascavel e Curitiba – cidades paranaenses –, a rodovia BR 277 tornou-se tanto o espaço de ir e vir entre essas cidades, quanto um lugar de criação, e, assim, em uma de nossas travessias por esta rodovia surgiu a ideia do filme *Carreras*, direção e roteiro meus, que traz como protagonistas Jackson Antunes Talicio Sirino<sup>2</sup> e Diegho Kozievitch. Este filme é um híbrido de documentário e ficção, que tem como subtexto da narrativa a corrida de longa duração *Cascavel de Ouro*, surgida em 1967, considerada como uma prova automobilística democrática, pois nela podiam competir, em igualdade de condições, pilotos de distintas classes sociais e diversos tipos de motores.

Durante uma das etapas das filmagens de *Carreras*<sup>3</sup> na Ponte da Amizade, comecei a observar o ir e vir das pessoas por aquele espaço fronteiriço. Elas passavam umas pelas outras sem se perceber. Havia multidão e sensação de solidão. Havia barulho e silêncio. Isso me inquietou. Comecei a pensar: quem são estas pessoas, de onde vêm, quais são seus objetivos, seus problemas, seus sonhos. Lembrei-me do libanês Hassib, que nos foi apresentado por um dos diretores de fotografia do filme, Sergio Sanderson, em sua loja de eletrônicos em Ciudad del

Este. A forma deste libanês receber as pessoas em seu comércio – clientes ou não –, de tratar os filhos, o convite gentil para jantarmos em sua casa em Foz do Iguaçu, noite em que exibiu um vídeo de sua família no Líbano, que nos falou da saudade de sua terra natal, me vieram à mente. Por um instante, estava eu na Ponte da Amizade, em meio àquela multidão, aquele barulho e estava em silêncio, sozinha em meus pensamentos. Então comecei a refletir sobre os encontros que acontecem ao acaso e que acabam estabelecendo relações entre os seres humanos e, conseqüentemente, interferem em nossa forma de ver uns aos outros.

O Paraná é um estado de formação cultural híbrida, seja pela migração ou pela imigração de culturas. Em algumas regiões, prevalecem etnias de origem europeia, inclusive, em boa parte da região oeste, onde se localiza também a cidade de Foz do Iguaçu, em cuja cidade, diferentemente de outras regiões do estado, há um grande berço da cultura árabe – depois do estado de São Paulo, em Foz do Iguaçu vive a segunda maior comunidade de libaneses do Brasil. Nesta cidade, formada por várias etnias, em certa medida, pode-se afirmar que há o conhecimento e respeito da cultura uns dos outros, mas, na grande maioria das cidades do Brasil, o modo de ser e de viver árabe ainda é visto de forma caricaturada, às vezes com receio de aproximação, com medo do desconhecido, com um preconceito estabelecido a partir de uma visão antropocêntrica do homem ocidental.

Tentando responder a pergunta deste texto introdutório – Como nascem os anjos? –, no campo da criação fílmica, a ideia para o roteiro de *Travessias* nasceu no momento da produção de um outro filme – *Carreras* –, no encontro com o ir e vir apressado e tumultuado daquelas pessoas na Ponte da Amizade e no encontro que tive com essa família de libaneses. Certamente esses encontros dialogavam com minhas inferências culturais, adquiridas por meio da leitura de obras de Guimarães Rosa, entre 2008 e 2010, e que acabaram por despertar interesses temáticos, interferindo em minha forma de perceber as travessias humanas.

## 2 TRAVESSIAS, UM FILME MULTILOT

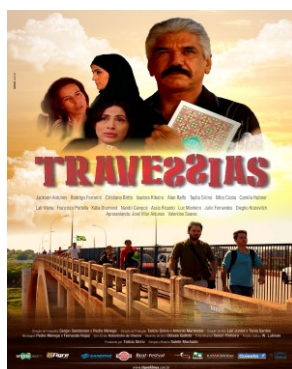


Figura 1: Pôster do filme *Travessias* (2015), direção de Salette Machado

*Travessias* foi filmado entre o final do ano de 2014 e o mês de janeiro de 2015, com sequências rodadas nas cidades de Curitiba, Cascavel, Foz do Iguaçu e em Ciudad del Este, e também na BR 277 – sentido Curitiba a Cascavel –, que tem seu desfecho na Ponte da Amizade, fronteira do Brasil com o Paraguai. Cinematograficamente, o espaço geográfico do Paraná, nesta ficção, surge como um elemento metafórico das travessias humanas.

Três núcleos familiares compõem a narrativa desse longa. Nesse sentido, o filme pode ser considerado no contexto do *multiplot*<sup>4</sup> – duas ou mais tramas que se alternam com autonomia e que, embora com conflito próprio, possuem pontos de convergência que direcionam estas tramas na construção de significado dramático. Tanto é assim que em *Travessias*, o destino de três personagens serão cruzados:

- Naun, um libanês que vive em Foz do Iguaçu, é dono de uma loja de eletrônicos em Ciudad del Este. Saiu do Líbano, ainda jovem, pela necessidade de sustentar sua família. Hoje, muitos anos depois, se vê dividido pelo dilema entre o desejo de manter a família unida ou preservar as tradições libanesas.
- Diferentes visões de mundo estremecem a relação do sacoleiro José e de sua mulher, a professora Maria Helena, que não se entendem nem em relação à educação dos filhos nem em suas escolhas profissionais.
- Léo, diretor de teatro, encara a complexidade que viver de arte lhe impõe e reflete em seu silêncio o drama do conflito que vive com a mãe, Isolda, que não consegue aceitar que o filho, contrarie suas expectativas.

Os conflitos destes três núcleos familiares são convergentes, já que cada um, ao seu modo, revela o estranhamento decorrente das relações humanas, a dificuldade de entender e se relacionar com o outro, com aquele que age, pensa e existe independente e diferente de nós, mas que, de alguma forma, está intimamente ligado àquilo que somos, pois também somos outros em relação ao diferente, somos fruto dessas interações, muitas vezes conturbadas.

Neste sentido, *Travessias* se apresenta como um filme *multiplot* – uma forma narrativa e não um gênero –, já que é composto por três linhas narrativas paralelas, que tanto existem independentes umas das outras, quanto se interligam pelo conflito existencial vivenciado em cada núcleo familiar.

## 2.1 NAUN E SUA FAMÍLIA LIBANESA: IDENTIDADE CULTURAL



**Figura 2: Frame do filme *Travessias* (2015), de Salete Machado**

Com a intenção de representar de forma fidedigna a cultura libanesa nas etapas de preparação e produção, houve uma pesquisa primando desde a caracterização das personagens até um trabalho minucioso por parte da equipe de produção de arte do filme, visando tal representação. Para tanto, foi essencial filmar em casa de libaneses e ter à disposição todo aparato relacionado à composição da arte – cenários, adereços, figurinos, etc., e também o acompanhamento dos donos da casa durante as filmagens.

Em *Travessias* o espaço surge como um elemento metafórico das travessias humanas e a alteridade se apresenta como subtexto da narrativa, já que nesta, as personagens são construídas por meio do relacionamento, do encontro e do desencontro com o outro.



**Figura 3: Frame do filme *Travessias* (2015), de Salete Machado**

A imagem acima é uma das primeiras sequências do filme. Nela apresenta-se a personagem de Naun que, como faz todos os dias, atravessa a Ponte da Amizade sentido Ciudad del Este, onde tem uma loja de eletrônicos. Nesta manhã, em companhia de filho, Antun, Naun conta:

Sabe, filho, bem mais jovem que você, seu pai passou por muita dificuldade no Líbano. Meu pai morreu e ficamos sem nada. Eu era o mais novo de uma família de oito irmãos. Tive que deixar minha terra natal, eu e meu tio, viemos pra cá, pra trabalhar e poder sustentar a minha mãe e os meus irmãos. Olhando assim, tudo aqui hoje parece tranquilo, mas a gente nunca sabe como vai ser o dia de amanhã. E se um dia tiver que ir embora daqui? Eu não quero nunca mais ter que ficar longe da minha família.

A trajetória de Naun é igual a de inúmeros libaneses que tiveram que deixar o Líbano e vir para o Brasil. Entretanto, diferentemente, de outros imigrantes, os libaneses mantêm na educação de seus filhos, mesmo daqueles que nascem no Brasil, a cultura de sua terra natal. É nesse ponto que se constitui o conflito da personagem de Naun, especialmente, na educação de sua filha Maria. Fato esse que se evidencia na primeira sequência do filme entre Naun e Maria, quando ele, após um momento de oração, vê a filha na rua sem seu véu – *hijab*.



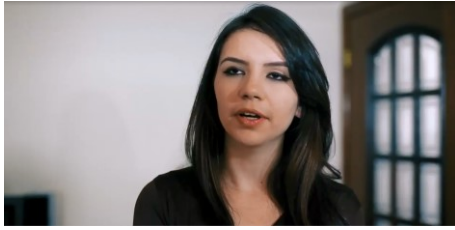
**Figura 4: Frame do filme *Travessias* (2015), de Salete Machado**

Assim que a filha entra na sala de sua casa é interpelada pelo pai, conforme imagens a seguir, frames do filme *Travessias* (2015):



**NAUN – O que que é isso, Maria?**





**MARIA** – Isso o que, pai?



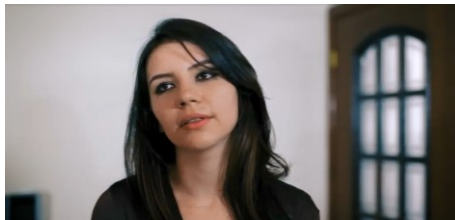
**NAUN** – Isso o que, pai? Eu é que pergunto: você sai na rua sem o seu *hijab*?



**MARIA** – Pai, a gente já não conversou sobre isso? Pensei que o senhor já tinha entendido. Lembra no colégio como que era quando eu usava o *hijab*, como zoavam de mim? Parecia que eu era um ser de outro mundo.



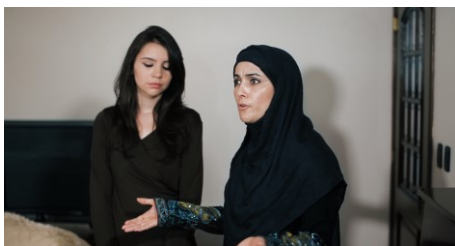
**NAUN** – Isso foi no início, depois que eu conversei com o diretor todo mundo passou a te respeitar.



**MARIA** – Mas demorou muito tempo pra me respeitarem, pai, e na faculdade eu não tenho a menor vontade de passar por isso de novo.



**NAUN** – Filha, seguir a nossa religião não é e nunca será uma humilhação, e sim um dever sagrado.



**FATIMA** – Naun, nossos filhos nasceram e cresceram aqui no Brasil.



**NAUN** – Eu sei! É que eu tô cansado de ver brechas aqui e ali, enquanto isso nossa cultura vai se adaptando, se entranhando em outras culturas. Se a gente não orar e vigiar, dentro de um tempo não seremos mais reconhecidos nem aqui, nem no Líbano.

A sequência acima evidencia o conflito existencial vivido por pai e filha, enquanto aquele deseja que a filha siga as tradições da cultura árabe, esta, tendo nascido no Brasil, acredita ser possível adaptar certos costumes, especialmente, aqueles que causam estranhamento a cultura ocidental e que lhe provocam situações de preconceito e desconforto, já que, na grande maioria das vezes, no encontro com o “outro” que habita este lugar que ela nasceu e do qual também é pertencente, a visão antropocêntrica deste “outro” sobre o seu “eu” implica em situações que beiram a humilhação e, para evitá-las, Maria pensa em soluções como andar na rua sem o véu. Entretanto, a cultura apreendida no Líbano, em especial a religiosa, está intrínseca à identidade cultural deste pai, que não aceita brechas ou adaptações. Este conflito, no decorrer do filme, se acentua e impõe forçosa travessia.

## 2.2 O SACOLEIRO JOSÉ E SUA MULHER, A PROFESSORA MARIA HELENA: CONFLITOS E ESTRANHAMENTOS



**Figura 5: Frame do filme *Travessias* (2015), de Salete Machado**

O principal problema vivenciado pelo sacoleiro José e sua mulher, a professora Maria Helena, se constitui na configuração de família: se esqueceram do papel deles como indivíduos. A identidade deles se dissolve dentro da identidade familiar, dentro do papel social que eles têm como pai e mãe. Não conseguem se entender na educação dos filhos e acabam não se



reconhecendo como um casal. Maria Helena e José têm dificuldade de dialogar e de interagir um com o outro, pois só conseguem ver o que os distancia enquanto pai e mãe, como pode ser percebido na sequência a seguir – frames do filme *Travessias* (2015):



**JOSÉ** – Ah, as venda não foram boa.  
Amanhã vou ter que ir pro Paraguai buscar mais coisa.



**MARIA HELENA** – É por isso que eu digo pra você: você tem que estudar. Tem que tentar passar num concurso público, pra gente ter uma vida melhor.  
Ah, eu já sei o que você vai dizer!  
Que você não quer bater cartão, que você quer ser dono do seu próprio negócio, não é, quer ser patrão!



**JOSÉ** – Maria Helena, eu não to com cabeça pra discussão hoje, viu? Eu sei que você deve estar cansada, estressada com o teu trabalho, mas, olha, cê dá um tempo, viu? Dá um tempo!



**MARIA HELENA** – Dá um tempo? Dá um tempo? Eu queria dar um tempo de você.  
Cadê as meninas?



**JOSÉ** – Botei pra trabalhar ou você queria que eu chegasse em casa cansado do trabalho e fosse lavar a louça, cê ta louca?



**MARIA HELENA** – Você é um insensível, né? E eu sou uma iludida, mesmo! Eu trabalho o dia inteiro, em pé, dando aula e quando eu chego em casa eu tenho que ir prum tanque lavar a roupa, e você não pode lavar uma louça?



**JOSÉ** – A gente tem três filho grande, que não faz outra coisa que não ser estudar, que podia muito bem ta ajudando em casa pra aliviar a barra aqui pra gente.



**MARIA HELENA** – Eu não acho. Eu acho que eles têm que ter tempo livre pra estudar, senão eles vão ter sempre a mesma vida miserável que a gente tem.



**JOSÉ** – Eu desisto, viu? Eu desisto!

O diálogo acima evidencia que, para além da divergência de posicionamento sobre a educação dos filhos, outro conflito que agrava o estranhamento entre os dois é o fator econômico. Maria Helena, professora, quer que o marido, tal como ela, faça um concurso público para que possam ter estabilidade financeira e garantir o futuro dos filhos. José, o caixeiro viajante, se desvia distante da mulher em agonia, prefere fazer suas travessias em uma vida sem certezas, no escuro do futuro.

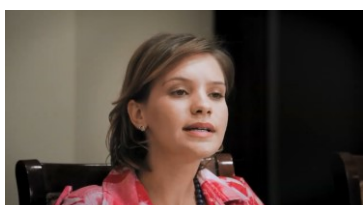
### 2.3 ISOLDA E SEU FILHO, O DIRETOR DE TEATRO, LÉO: O AMOR DE MÃE SUFOCADO

Isolda vive com os dois filhos, Léo e Luana, ele com quase vinte e cinco anos e ela com pouco mais de vinte anos. Ambos dependem financeiramente da mãe, que atua como corretora de imóveis. O conflito de Isolda se constrói na insegurança financeira advinda deste trabalho e na responsabilidade de manter economicamente a família, mas, principalmente, no fato de seu filho Léo dedicar-se a carreira de diretor de teatro, o que para esta mãe é uma escolha profissional equivocada – dada a dificuldade de se viver de arte no Brasil. Isto se agrava pelo fato de que, embora pague a duras penas a faculdade de Administração de Empresas para a filha Luana, esta começa a atuar em gestão cultural com o intuito de buscar patrocínios via Lei Rouanet para que o irmão possa realizar sua peça teatral.

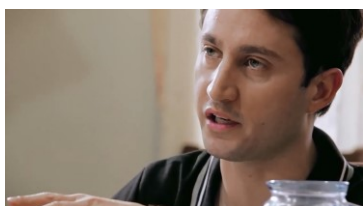
A sequência a seguir – frames do filme *Travessias* (2015), de um almoço em família –, evidencia que Isolda ao não aceitar as escolhas profissionais de seus filhos, não consegue ser uma mãe amorosa: cobra de Léo que tenha uma profissão “normal” e acaba sendo dura em suas palavras. Essas ações decorrem do peso econômico que esta mãe carrega para sustentar a família e do desejo que seus filhos possam ter um futuro melhor. Isto a torna infeliz e impede que demonstre seu amor ao filho.



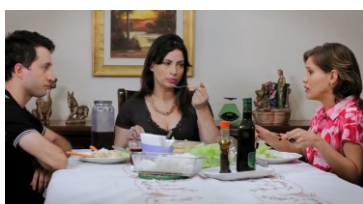
**LÉO** – Ainda não me conformo. Aquele patrocínio era nosso.



**LUANA** – Desencana Léo. Amanhã eu vou atrás de outro patrocinador.

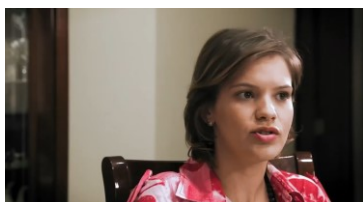


**LÉO** – É, mas a estreia é daqui uma semana, a gente já adiou duas vezes, se a gente adiar de novo, o pessoal do teatro disse que a gente perde a pauta.

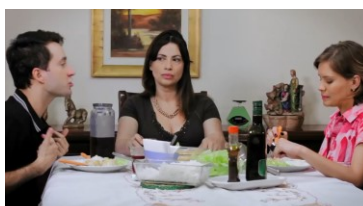


**LUANA** – Eu já falei, eu vou arranjar uma solução. Já não consegui o cenário e o figurino emprestado? Então, eu não entendo porque esse desespero, agora só falta a iluminação mesmo.

**LÉO** – Luana, só a iluminação?



**LUANA** – Mas também aquele teu amigo, né? Tinha que te deixar na mão.



**LÉO** – É, mas, ele já quebrou vários galhos pra gente, como que ele ia fazer agora? Ofereceram dinheiro, ele largou. Que que a gente podia oferecer? Nada!

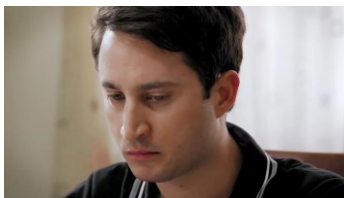


**LUANA** – O que? Este espetáculo é o espetáculo, Léo! Mas espera, a gente já vai começar a ganhar uns prêmios e ele vai ver que devia ter acreditado um pouco mais em você.

Nisso a mãe, irritada, empurra o prato e interfere na conversa dos filhos.



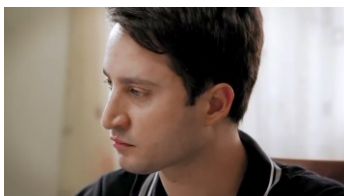
**ISOLDA** – O que eu fiz, hein? Gente, onde foi que eu errei?



**ISOLDA** – Eu quero saber quando é que vocês vão ter uma vida normal!



**ISOLDA** – Um trabalho normal, com dinheiro na mão, um salário na mão todo mês? Hein? E você, hein, Léo? Entrou nessa de ser ator, depois de ser diretor e o que é que você tem, meu filho?



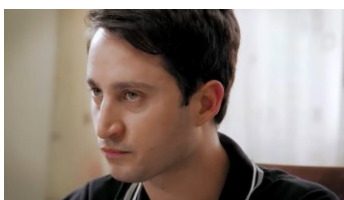
**ISOLDA** – Nada! Você não tem um carro, você não tem nem uma bicicleta.



**ISOLDA** – Eu já sei! Eu já sei! Você vai dizer o importante é trabalhar no que gosta! Não é?

**LÉO** – Isso mesmo mãe!

**ISOLDA** – Isso mesmo mãe? E você consegue se sustentar?



**ISOLDA** – *Deixa que eu respondo. Não! Você não consegue.*



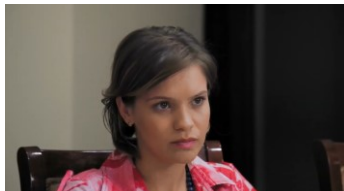
**ISOLDA** – Você tá caminhando pros vinte e cinco anos e insiste nesta vida de teatro.



**ISOLDA** – *Ai meu filho, por acaso você acha que eu vou viver pra sempre, é?*



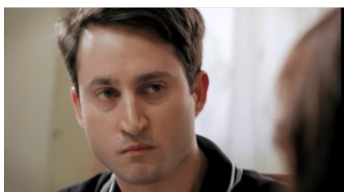
**ISOLDA** – Que eu vou ficar a vida toda colocando comida no teu prato pra você comer.



**ISOLDA** – *Quando é que você vai ter uma vida normal?*



**ISOLDA** – Sinceramente. Eu tô cansada. Você é um desgosto pra mim, meu filho!

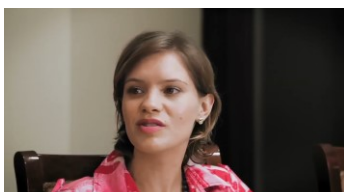


Nisso Léo olha bem nos olhos da mãe e sai da mesa, em silêncio.



**LUANA** – Você pegou pesado com o Léo, mãe.

**ISOLDA** – Ah, que peguei pesado o que? A culpa é sempre minha!



**LUANA** – Mãe, ele é super talentoso e dedicado. Uma hora a estrela dele brilha.





**ISOLDA** – E você, hein, Luana? Entrou nessa aí de ficar seguindo o Léo! De que adianta ficar te pagando a faculdade de Administração todo mês pra você ser alguém na vida, se você insiste em seguir os passos do seu irmão?



**LUANA** – Calma, calma! O curso tá me ajudando muito e você sabe! Eu tô trabalhando com gestão cultural, eu te falei, é uma área que tá crescendo. Você tem que acreditar na gente mãe.

O fator econômico é determinante na visão de mundo e, por consequência, nas atitudes de Isolda. Ela tanto é agente de suas ações quanto se constitui como resultado de um modelo capitalista de vida. O desfecho deste núcleo familiar não se caracteriza dentro do contexto do “final feliz”, ele mostra a dolorosa travessia de Isolda – com a morte do filho Léo. Metaforicamente, esta morte seria uma morte simbólica da arte – dada a descrença da família e da sociedade, bem como a dificuldade de se viver da arte, recorrentes no Brasil.

### 3 FINALIZANDO SIGNIFICADOS

Tendo como referência o livro *Fazendo filmes* (1998), de Sidney Lumet, no qual este cineasta aborda sobre sua experiência de décadas na realização fílmica, e considerando a relevância na construção do discurso fílmico e de seus significados dos trabalhos da etapa de finalização de imagem e som, a seguir apresento algumas reflexões de profissionais que atuaram no Desenho de Som, na composição da Trilha Musical e na Colorização. Estes trabalhos, embora tenham sido realizados a partir das etapas de filmagem e montagem do filme, desvelam, também, aspectos inerentes às etapas de pré-produção e produção de *Travessias*.

Ressalta-se que o título desta seção não se refere ao fechamento de significados, uma vez que estes são sempre abertos e suscetíveis à ressignificação, mas sim, ao papel exercido pela etapa de finalização dos filmes e seu potencial de construir significados. Nesse diapasão, *finalizando significados* remete à construção simbólica no cinema que começa pela ideia que dá origem ao roteiro, passando pela composição das personagens, da direção, da direção de arte, da direção de fotografia, culminando na finalização de imagem e som.

#### 3.1 DESENHO DE SOM DE *TRAVESSIAS*, POR ULISSES GALETTO

Na perspectiva sonora, a narrativa dos conflitos culturais vividos pelas três personagens que cercam o comerciante libanês Naun, é marcada por três pontos fundamentais. O primeiro deles diz respeito à característica da trilha musical, onde são realçados elementos melódicos e



timbrísticos do Oriente Médio, em harmonia com uma lógica orquestral Ocidental, onde aparecem elementos característicos da cultura brasileira e paraguaia. Numa composição de texturas contextualizadas para uma geografia pouco confortável, a narrativa sonora acompanha essa lógica ao realçar aspectos importantes do ambiente onde as personagens se inserem: o aconchego e a calma do lar, os ambientes frenéticos do trânsito na rota da fronteira e o corre-corre do comércio na zona livre de Ciudad del Este, no Paraguai. Por último, o panorama das impressões geográficas das três fronteiras é realçado pela presença de efeitos das maravilhas naturais, merecendo destaque as cataratas do Iguazu e o Rio Paraná, berço da florescência das cidades que ali se desenvolveram.

Já a família de José e sua mulher vivem em constante conflito, ora representado pela busca de uma unidade de objetivos de vida, ora pelas incertezas advindas das escolhas profissionais individuais. A casa, porto seguro para ambos, transforma-se gradualmente em um ponto de interferência do futuro próximo, ao ambientar a calma (cozinha, estudo dos filhos) em contraste com o conflito (discussão do casal na cozinha e na sala, pai em conflito com as filhas na sala). A dinâmica corriqueira desenhada pelos ambientes – (*bgs*), *foley* e efeitos (*hfx*) – contrasta com os diálogos (*dx*) do dia-a-dia, que alteram profundamente a dinâmica desenhada pelo som base dos ambientes. Essa “tonalidade” pode ser observada também na escola do filho mais velho do casal, onde uma aparente serenidade dos efeitos do ambiente sofre a interferência da dura realidade da relação conflituosa do filho com seus pares, descrita nos diálogos das personagens. Por fim, as viagens de José, ponto de encontro entre várias outras histórias, compõem uma das narrativas preponderantes do filme, descrevendo o efêmero, o passageiro, o transitório e realçando elementos próprios do contexto apresentado pelas imagens: trânsito, rodoviária, transeuntes, etc.

O som do núcleo familiar de Isolda e seus filhos Léo e Luana revela a busca pelo entendimento entre visões de mundo distintas, os embates, os encontros, os desencontros; o lar concentrando antagonismos, diferentes visões de mundo, proximidades e distanciamentos; a arte como objetivo maior, extremos, limites, a vida. Assim, a aparente serenidade dos ambientes sonoros contrasta, mais uma vez, com os conflitos entre mãe e filho, realçados por diálogos intensos e contundentes, que descrevem não apenas as personalidades de ambos, mas também os paradoxos internos gerados pelo amor e pela discórdia. A viagem, seu dinamismo e seus ritos de passagem, com encontros (Leo e José, Leo e Naun) e desencontros (o desfecho sem volta). O som segue a narrativa proposta pelas imagens, reforçando elementos descritivos da complexidade da personalidade de Leo em contato com um mundo pragmático: dinheiro, sucesso profissional, encontros e desencontros.

### 3.2 A TRILHA MUSICAL, POR XENON PINHEIRO

Para o desenvolvimento da trilha musical do filme *Travessias* foi necessário inicialmente criar uma identidade melódica que passasse por todas as personagens, já que todas em algum momento se encontram, porém cada uma delas tem particularidades sonoras, arranjos e harmonia, e instrumentos mais específicos foram usados para descrever isso.

Para o personagem libanês Naun foi utilizado o universo Sonoro do Oriente, já para o ambiente do sacoleiro, de Isolda e seu filho foram empregados violões, piano e cordas em geral, além de atmosferas sonoras.

Toda trilha musical se orientou por um sentimento que envolvia todos os personagens: a saudade, a tristeza, o conflito e a dor da perda. Isso se percebe bem claramente na música final, cantada por Solange Bueno. Nela entram todos os elementos que estiveram presentes ao longo do filme, o qual apresenta minuto a minuto até o desfecho nuances melódicos de força, mas também de fragilidade.

### 3.3 A COLORIZAÇÃO, POR JOÃO CASTELO BRANCO

Encarei *Travessias* como uma obra realista, que fala de conflitos e dramas de pessoas comuns, de classe média, de diferentes contextos. Assim, as escolhas de colorização seguiram a trilha do plausível, evitando efeitos exagerados e tentando respeitar e ressaltar apenas a carga de dramaticidade proposta pela própria narrativa e pela interpretação das escolhas dos diretores de fotografia.

As três histórias paralelas falam da solidão, da melancolia, da falta de comunicação e dos desencontros da vida privada em ambientes internos, de cenas noturnas de apartamentos de classe média; mas também há o contraste com os encontros e as possibilidades da vida pública, com cenas diurnas internas e externas.

A cenas de Naun e sua família são essencialmente internas, no ambiente privado da vida familiar e falam da luta pela manutenção da tradição libanesa e da solidão dos que não estão nem lá, nem cá. Apenas destoam disso os momentos da vida pública de Naun em seu comércio, que mostram um lado jocoso e acolhedor do personagem.

Os conflitos conjugais de Maria Helena e José seguem a mesma lógica, a casa é o ambiente fechado, difícil, da falta de comunicação entre os membros da família. De outro lado, parece que tanto ela quanto ele levam com vocação suas escolhas profissionais e encaram de frente as dificuldades, as vezes bastante árduas, dessas escolhas profissionais.

No ambiente privado da vida de Isolda e de seus filhos, o drama é marcado pela incompreensão da mãe pelas escolhas de Léo. O que é interpretado por ela como inércia e falta de responsabilidade é mostrado no filme como dedicação e compromisso do seu filho no ambiente do trabalho, ao ensaiar sua peça de teatro e produzir seu espetáculo junto com sua irmã.

Esses momentos da vida privada foram construídos com imagens mais escuras, com planos mais fechados e, em geral, com diálogos mais tensos. Ao contrário disso, as cenas da vida pública desses personagens são, em sua maioria, construídas com planos mais abertos e luminosos.

Há ainda o encontro de Léo com José que segue pela movimentada Ciudad del Este, local que os fotógrafos optaram por exagerar no contraste e na saturação das cores. O encontro desses dois personagens com Naun em sua loja de equipamentos de fotografia e iluminação no Paraguai tem um tom alegre, luminoso e movimentado, com planos mais abertos, de grande angular, marcado por diferentes ações que acontecem no primeiro plano e no plano de fundo.

O desfecho trágico do filme leva a narrativa para uma estrada. Fotografado em alto contraste e com cores saturadas, seguindo a saída dos personagens de Ciudad del Este.

No último plano do filme há o único efeito mais exagerado de colorização, quando sobem os créditos e a estrada se torna vermelha, e as cores da vegetação se tornam dessaturadas, apontando para a estrada como uma metáfora da narrativa do filme.

#### **4 TRAVESSIAS E O PÚBLICO**

*Travessias* foi lançado no mês de julho de 2016 em salas de cinema<sup>5</sup>, conseguindo excelentes espaços, a exemplo das redes Cineplus e UCI Cinemas, nesta, destaca-se: seis semanas em cartaz no UCI do shopping Estação, em Curitiba; quatro semanas no UCI do shopping Samaúma, em Manaus; duas semanas no UCI dos shoppings Jardim Sul e Santana, em São Paulo; e duas semanas no UCI do shopping New York da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Também percorreu algumas cidades do interior de Minas Gerais, São Paulo e do Paraná, neste, com destaque para sua estreia no evento Cinema & Música<sup>6</sup>, com a exibição do filme *Travessias* seguida de show acústico com Jackson Antunes e Andrade Paraná – que canta *Viajante do mundo*, uma das músicas tema do filme.

Finalizado em novembro de 2015, no mesmo mês, juntamente com o filme *Infância*, de Domingos de Oliveira, protagonizado por Fernanda Montenegro, *Travessias* fez parte da Mostra Paralelo, do III Festival Internacional de Cinema da Bienal de Curitiba. Também em novembro de 2015, foi selecionado para a Mostra Competitiva do 8º Festival da Lapa, recebendo quatro prêmios<sup>7</sup>: Melhor Atriz Coadjuvante para Isadora Ribeiro, por Isolda; Melhor Ator Coadjuvante

para Rodrigo Ferrarini, por José; Melhor Trilha Sonora, para Xenon Pinheiro, incluindo os temas musicais *Estrada da Vida*, *Milionário e José Rico*; *Travessias*, Solange Bueno; *Viajante do Mundo*, Andrade Paraná; e Menção Honrosa para Salete Machado.

Entendendo que o ciclo do cinema só se completa no encontro do filme com seu público, conhecer sobre a experiência da recepção do filme por parte deste público torna-se relevante, tanto para clarear se a intenção pretendida como discurso filmico ocorre de fato no momento do encontro com o espectador, como também para conhecer as percepções deste receptor sobre o filme. Neste sentido, a seguir, apresenta-se alguns textos escritos por espectadores de *Travessias*.

#### 4.1 TRAVESSIAS – POR FERNANDO SEVERO<sup>8</sup>

O filme *Travessias*, de Salete Machado, interliga três tramas principais através da abordagem, sob diferentes prismas, de temáticas associadas a diversas questões importantes para o mundo contemporâneo.

Em uma delas o personagem Naun, proprietário de uma loja de produtos eletrônicos em Foz do Iguaçu, vive um conflito familiar que envolve tradições libanesas, absorvidas em sua terra natal e preservadas no local que escolheu para viver e constituir família. Esse episódio faz aflorar a questão da preservação da identidade cultural de uma família em meio a outras tradições e costumes, um problema bastante comum no Brasil, país que desde seu descobrimento recebeu imigrantes de quase todos os continentes. Embora a maior parte desses novos habitantes e seus descendentes tenha conseguido se integrar aos costumes e modo de vida do novo país, a história nos mostra que essa questão identitária foi foco de conflitos em diversas comunidades e no seio de algumas famílias.

No filme de Salete Machado essa questão é problematizada pela relação difícil entre pai e filha, que envolve diferentes pontos de vista sobre a pertinência da manutenção de certas tradições típicas da cultura libanesa, já que o pai prega a obediência a preceitos que a filha, criada com maior contato com a cultura brasileira, reluta em aceitar. Essa questão da identidade cultural remete à questão da diversidade cultural entre os povos, e o fato de que as ciências humanas em geral insistem que não se pode fazer juízo de valor sobre uma cultura somente do ponto de vista de outra que lhe é estranha.

Esse é um assunto tão relevante que em 2001, a Unesco, com o objetivo de reafirmar sua preocupação com a preservação e o respeito à diversidade cultural redigiu a Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, na qual prega que a diversidade cultural é um patrimônio comum da humanidade, e que ela “se manifesta na originalidade e na pluralidade de

identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade”. No filme a resolução do conflito se encaminha para uma situação dramatúrgica intermediada pelo afeto, numa liberdade poética, à qual o cinema pode se permitir, mas que nem sempre acontece na vida real.

Nas outras duas histórias do filme emergem temas recorrentes em conflitos interpessoais, uma nos apresenta uma professora que recrimina seu marido que atua como “sacoleiro” por se dedicar a uma atividade econômica informal e financeiramente pouco compensadora, contrariando suas expectativas de estabilidade na carreira e prosperidade econômica. Na outra observamos o drama de uma mãe que reluta em aceitar a vocação do filho, um diretor teatral mergulhado apaixonadamente na sua arte. Nos dois enredos destaca-se como o problema principal o conflito entre as diferentes vontades dos protagonistas.

Para o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), a vontade é o elemento fundamental que traz o sentido das coisas e do mundo, e se manifesta através da união entre o corpo e o sentimento. A partir dessa premissa, o filme apresenta várias cenas em que os personagens dialogam em instâncias conflitantes, cada um manifestando e justificando sua vontade em relação ao que julga ser a melhor escolha diante das possibilidades que a vida lhes apresenta. A dificuldade em aceitar as escolhas alheias permeia as tensas conversações, que explicitam conflitos familiares de difícil superação.

Na relação do casal a história envereda pela discussão sobre a busca de uma carreira que permita evolução, desejo da mulher nessa relação específica, e vai em direção à defesa que o marido faz da dignidade e validade da profissão que escolheu, que entre outras coisas interfere positivamente na vida das pessoas que o cercam. Na relação da mãe e do filho artista existe um fator a mais que ultrapassa a preocupação com a instabilidade da carreira escolhida, que é a dificuldade natural que as mães encontram diante da necessidade de se desapegar do papel de protetora dos filhos vida afora, deixando que eles encontrem seus próprios caminhos. Nesse caso vale lembrar a prosa poética do escritor libanês Khalil Gibran, imortalizada em seu livro **O Profeta**.

#### 4.2 *TRAVESSIAS*, DE SALETE MACHADO: UM FILME DE SUTILEZAS – POR ODAIR RODRIGUES<sup>9</sup>

O filme *Travessias*, de Salete Machado, narra as transições pelas quais passam três núcleos familiares paranaenses. A obra foi concebida para o grande público, mas traz uma complexidade incomum para o gênero.

O núcleo libanês da trama, retrata o conflito de identidade cultural da família de Naun que se vê dividido entre as tradições muçulmanas de seu país de origem e os novos costumes ocidentais adquiridos pela filha Maria, no Brasil.

Longe dos clichês maniqueístas com os quais a cinematografia costuma tratar os orientais muçulmanos, a personagem Naun se mostra um homem solidário com quem não faz parte de sua cultura e sensível em relação à sua família, mas sem negar a herança de seu passado, com todas as contradições que ela apresenta. A sutileza com a qual é conduzido o desfecho desse conflito familiar faz refletir sobre como olhar a cultura do outro com o devido respeito pela diversidade, mesmo que nos comportemos de forma diferente.

Outra ousadia ao não fazer concessões ao senso comum está no conflito da família do sacoleiro José e da professora Maria Helena. O casal em crise no matrimônio discute sobre a educação dos três filhos adolescentes, duas meninas e um menino.

A professora, com a qual muita gente do magistério pode se identificar, enfrenta as dificuldades de trabalhar com estudantes indisciplinados, mas, por outro lado, tem dificuldade de disciplinar os próprios filhos.

O marido José tenta ser mais firme com os filhos, mas sua ausência constante provoca mais atritos que efeitos positivos. Não há dúvidas que, à sua maneira, ambos procuram o melhor para os jovens. A solução encontrada, mais uma vez, foge do comum e provoca, no espectador, a impressão de obra aberta. Afinal, um dos papéis da arte é evidenciar as contradições, ela não tem a obrigação de resolvê-las.

Por último, a família da corretora de imóveis Isolda traz o conflito sobre a difícil valorização da arte e do artista. Léo é um diretor de teatro que tenta produzir sua peça, mas além das dificuldades financeiras, enfrenta a oposição da mãe, preocupada com o futuro profissional do rapaz.

As preocupações maternas de Isolda são externadas pelas críticas constantes aos projetos de Léo, que busca apoio da irmã, Luana, para realizar seus sonhos.

A tragédia – anunciada pelo nome Isolda –, desperta o amor oculto pela mãe e simultaneamente traz a discussão sobre as dificuldades da produção cultural no país.

O filme *Travessias* tem elementos para emocionar o espectador, mas não se entrega às facilidades dos (pré)conceitos estabelecidos do cinema apenas como entretenimento. Sem precisar de discursos eloquentes, trata das diferenças culturais, do difícil papel de educar em família, e da valorização da arte. Ainda traz subtexto de temas atualíssimos como a crise econômica, a relação com a tríplice fronteira e o debate sobre financiamento da cultura nacional.



#### 4.3 *TRAVESSIAS*, DIREÇÃO SALETE MACHADO – POR ALTENIR SILVA<sup>10</sup>

Toda vez que um filme brasileiro pula fora do cinema brasileiro, sempre surge uma novidade bacana. *Travessias* – escrito e dirigido por Salete Machado é um filme que foi buscar na vida comum a sua base criativa. A referência é o cotidiano e ponto final. Seguimos algumas vidas enfrentando obstáculos simples. Simples? Nada disso, toda trajetória humana tem muito de Homero e, algumas pitadas de DC Comics & Marvel. Os personagens – presidiários do cotidiano – saem em suas trilhas enfrentando o maior inimigo, a realidade.

No mundo real, os superpoderes são outros. Os personagens não precisam voar, desaparecer, correr mais rápido que uma bala ou subir em paredes. Pelo contrário, para enfrentar essa vilania do dia-a-dia, os personagens necessitam de inteligência, sensibilidade e compressão da própria realidade.

E é nesse contexto, que em *Travessias* seguimos a vida do libanês Naun e de sua filha Maria, do sacoleiro José e de sua mulher, Maria Helena, e do diretor de teatro Léo e de sua mãe, Isolda. Cada um com sua missão de salvar o seu planeta particular, no caso, cuidar de si mesmo diante de tantas dificuldades reais. Além disso, somos contemplados com grandes atores. Enfim, é um filme sensível, generoso e despidoradamente sincero. Parabéns a todos os envolvidos.

#### 4.4 *TRAVESSIAS* – POR REJANE MARTINS PIRES <sup>11</sup>

O filme atrai pela temática delicada e forte: a existência humana e suas complexidades. A solidão, as diferenças culturais, a busca da sobrevivência e da felicidade, a impotência e a morte: tudo isso é retratado no *Travessias*. Somos convidados a entrar na vida dos personagens, muito bem representados por refinados atores. A empatia é imediata. Sofremos e torcemos por eles. A diretora Salete Machado consegue imprimir uma marca ao mesmo tempo de simplicidade e envolvimento – isso gera cumplicidade. Assistir ao filme é uma experiência pessoal e única que nos faz pensar que a vida poderia ser mais tranquila se não criássemos tantas expectativas, ou não fôssemos tão cobrados pelos outros. As filmagens na BR 277 e na Ponte da Amizade, na fronteira entre Brasil e Paraguai, ajudam a criar a atmosfera de uma jornada, de uma verdadeira travessia, que conta com o real e o imaginário, o visível e o invisível, a vida e a arte.

#### 4.5 AS TRAVESSIAS DE TALICIO E SALETE, POR MÁRCIO COUTO<sup>12</sup>

*Travessias* é um drama que mergulha no cotidiano dos personagens, revelando que a busca de um objetivo, a fuga da banalidade e a materialização de um sonho é o que move o ser humano. A palavra “travessia” é de origem grega e significa “aquilo que está no centro”. Aqui,

temos o cinema como centro e grande encontro de apaixonados pela sétima arte, aproximando-se da maturidade criativa. Talício e Salete conseguem, como das outras vezes, provocar uma expectativa grandiosa pela produção de mais um trabalho: e encantam o espectador. E isso é arte.

O filme conta com um elenco maravilhoso, incluindo Jackson Antunes, Rodrigo Ferrarini, Cristina Britto, Isadora Ribeiro, Allan Raffo e muitos atores do Paraná, e com uma equipe técnica de primeira linha. São histórias do cotidiano de um comerciante libanês, um sacoleiro casado com uma professora e um jovem diretor de teatro que buscam melhorar de vida ou se adaptar a diferenças culturais, entremeadas pela complexidade das relações familiares.

Há sutileza e leveza nas imagens. Mas a busca pelo entendimento da vida mostra uma densidade inesperada: algumas tomadas da direção de Salete são dignas de uma discípula de Ingmar Bergman, com beleza entremeada com a sensação de angústia e abandono, tão comum em nosso tempo. A estrada, a rodovia que leva a Foz do Iguaçu pode também ser considerada como uma personagem do filme. Com uma trilha musical esmerada e intimista que cria uma atmosfera poética e envolvente, somos convidados a acompanhar a trajetória/travessia dos personagens em sua introspecção. Isso proporciona uma reflexão sobre nossas próprias vidas, mesmo como espectadores. O filme consegue nos envolver até esse ponto. A sensação de solidão que compartilhamos com a película remete ao teatro de Henrik Ibsen – com quem contamos, afinal, na vida, além de nós mesmos? O encontro dos personagens antes do desencontro final é a síntese da aventura humana, não somos donos de nosso destino.

## NOTAS

- 1 De meninos a homens: possibilidades de leituras da infância em *Conversa de Bois*, *Campo Geral* e em *Mutum*. Paralelamente a realização deste mestrado atuava como professora do Curso de Letras, na Unioeste/Campus de Cascavel e rodava meu primeiro documentário *Estrada do Colono* (2009), no qual, como premissa narrativa, colocava em prática os pressupostos teóricos sobre o dialogismo de Mikhail Bakhtin.
- 2 Em 2009, interrompo meu contrato como professora da Unioeste para acompanhar Talício, meu marido, em mais uma travessia pelo cinema: a produção do filme *Curitiba Zero Grau*, 35mm, idealizado e dirigido por Eloi Pires Ferreira, protagonizado por Jackson Antunes, Edson Rocha, Diegho Kozievitch e Lori Santos, no qual atuo na direção de produção. Talício Sirino, da Tigre Filmes, além de atuar na produção, também coordenou a distribuição em salas de cinema – este filme consta na relação da ANCINE/OCA em 28º lugar dentre os 83 filmes brasileiros lançados em salas de cinema em 2012. Além de participações em festivais foi selecionado para o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, realizado pela Academia Brasileira de Cinema de 2013 e teve direitos de exibição adquiridos pelo Canal Brasil e pela TV Brasil. Durante a produção do *Curitiba Zero Grau* eu e Talício fomos convidados por Jackson Antunes, idealizador e diretor do longa *A Tímida Luz de Vela das Últimas Esperanças* – uma adaptação do texto teatral de Milson Henriques –, para realizá-lo em parceria. Nesse longa eu atuei com Jackson na adaptação do texto teatral para roteiro fílmico e na codireção. O filme foi protagonizado por Cristiana Britto e Lucia Talabi, com produção de Talício Sirino, rodado em película S16mm e finalizado em HD, sem recursos oriundos de leis de incentivo à

cultura, tendo os direitos adquiridos pela AMC Networks para exibição em vinte e sete países da América Latina e para exibição pela A&E e pela Sundance Channel Brasil.

- 3 A Tigre Filmes, com coordenação de Talício Sirino, atuou na distribuição de Carreras em salas de cinema, sendo que este filme consta da relação da ANCINE/OCA em 32º lugar dentre os 127 filmes nacionais lançados em cinemas em 2013. Por este trabalho de distribuição o filme concorreu ao X Prêmio FIESP/SESI-SP do Cinema, de 2014 – figurando entre os cinco finalistas na categoria Melhor Fotografia –, e foi selecionado para o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, realizado pela Academia Brasileira de Cinema, em 2015.
- 4 Filmes multiplots – múltiplos enredos – existem desde os primeiros filmes no cinema, a exemplo, Intolerância (1916), de D.W. Griffith. Dentre os mais recentes filmes multiplots, destacam-se: Vidas Cruzadas (1993), de Robert Altman; Pulp Fiction (1994), de Quentin Tarantino; Cidade de Deus (2002), de Fernando Meirelles.
- 5 <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/cinema/com-pouco-dinheiro-produtora-paranaense-desbrava-o-mercado-cinematografico-cydcnnaaua1of45awssb1w8al>
- 6 <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/paranativ-1edicao/videos/t/g1-entrevista/v/jackson-visita-paranativ-primeira-edicao/5377205/>.
- 7 <http://www.festivaldecinemadalapa.com.br/#!Premiados-do-8º-Festival-de-Cinema-da-Lapa/os9bd/565119ce0cf2baa4d50a7c10>
- 8 Cineasta, jornalista e curador do Festival de Cinema da Lapa, no qual Travessias foi selecionado para a mostra competitiva e recebeu quatro prêmios na 8ª edição deste festival, realizada em novembro de 2015.
- 9 Graduado em Letras pela USP, assistiu ao filme Travessias, em agosto de 2016, no UCI Cinemas do shopping Estação, de Curitiba, juntamente com estudantes de um Colégio Estadual da cidade de Fazenda Rio Grande – região metropolitana de Curitiba, no qual Odair atua como professor e vice-diretor.
- 10 Autor-roteirista. Escreveu este texto após ter assistido ao filme Travessias, na sessão de estreia em agosto de 2016, no UCI Cinemas do shopping New York, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.
- 11 Escritora e jornalista. Assistiu ao filme no evento Cinema & Música, composto pela exibição de Travessias seguida de show acústico com Jackson Antunes, protagonista do filme, e Andrade Paraná, que canta Viajante do Mundo, uma das músicas temas do filme, em outubro de 2016, no Teatro Municipal da cidade de Cascavel, Paraná.
- 12 Escritor e médico. Também assistiu ao filme Travessias no evento Cinema & Música, em outubro de 2016, no Teatro Municipal da cidade de Cascavel, Paraná.

## REFERÊNCIAS

- ANZUATEGUI, Sabine R. **Multiplot Cinematográfico na Década de 1990: Funções Dramáticas das Cenas de Morte**. In: FABRIS, Maria Rosaria et al. **III Socine – Estudos de Cinema**, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira et. al. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ECO, UMBERTO. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz Ltda, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1979.

LUMET, Sidney. **Fazendo filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

SIRINO, Salete Paulina Machado; FORTES, Rita Felix. **De meninos a “homens”**: possibilidades de leituras da infância em **Conversa de Bois**, **Campo Geral** e **Mutum**. 2010. 175f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

## FILMOGRAFIA

*TRAVESSIAS*. **Direção e Roteiro**: Salete Machado. **Elenco**: Jackson Antunes, Rodrigo Ferrarini, Cristiana Britto, Isadora Ribeiro, Alan Rafo, Taylla Sirino, Mira Costa, Lair Vieira, Camila Hubner, Kátia Drumond, Diegho Kozievitch. **Produção Executiva**: Talicio Sirino. **Direção de Fotografia**: Sergio Sanderson e Pedro Merege. **Direção de Produção**: Talicio Sirino e Antonio Martendal. **Direção de Arte**: Lair Junior e Tania Maria dos Santos. **Montagem**: Pedro Merege e Fernando Rojas. **Colorização e Masterização**: João Castelo Branco. **Desenho de Som**: Ulisses Galetto. **Trilha Musical**: Xenon Pinheiro. **Som Direto**: Roberto Carlos de Oliveira. **Produzido e Distribuído por**: Tigre Filmes. Paraná, 2015.